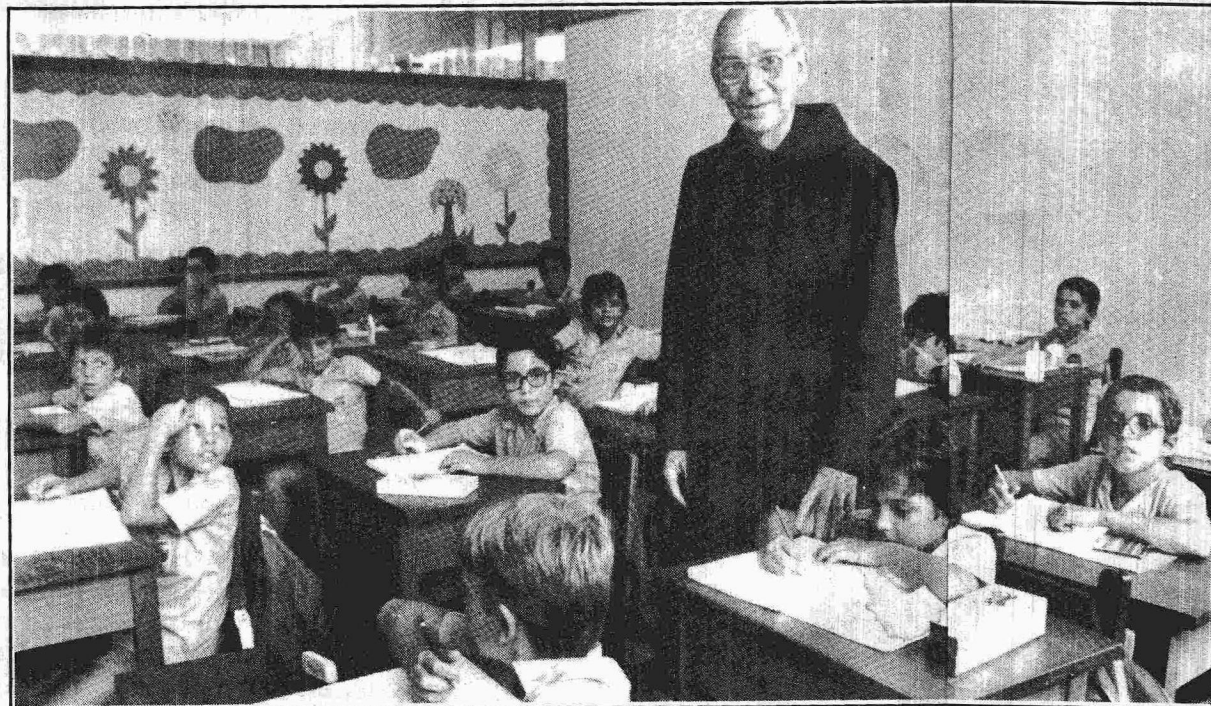


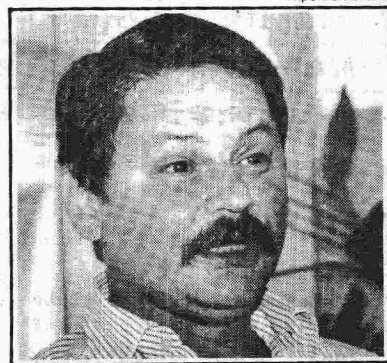
Tabuada e bê-a-bá: a volta à escola do bom senso

Há cerca de 15 dias, quando O GLOBO publicou matéria sobre a volta da tabuada e do bê-a-bá como métodos de ensino no primeiro grau, na França, a questão instigou educadores, pais e professores. Tema polêmico, a notícia do retorno à velha metodologia em terras francesas chega ao Brasil num momento em que o boom de liberalismo da década de 70 já está se desgastando e a maioria de pais e professores admite o valor de técnicas como a da memorização e recursos como o ditado e leitura silenciosa. O atual panorama metodológico nos níveis pré-escolar, de alfabetização e de primeiro grau no Rio denota, a julgar pelo depoimento de educadores como o Professor Edgard Flexa Ribeiro, D. Lourenço de Almeida Prado, Reitor do Colégio São Bento, do Professor Ronald Manno, assessor acadêmico do Colégio Santo Inácio, e da Professora Maria Patrícia de Andrade Vieira, diretora da Escola Nova, em vez de uma radicalização, uma volta ao bom senso:

— Trata-se de aproveitar o que de bom existe na escola tradicional — diz a professora Patrícia Vieira — e o que de bom existe na moderna. Parece óbvio, mas é isso que educadores, pais e professores levaram uma década para perceber, de maneira concreta. A memorização, por exemplo, foi esquecida, como se não fosse uma faculdade da criança a ser desenvolvida. Sabemos, por experiência própria, que os limites são extremamente importantes para a felicidade da criança.



Dom Lourenço de Almeida Prado: 'Nas aulas de comunicação e expressão muitas pessoas não sabem, realidade, se comunicar'



Hipólito Pereira

A reforma do ensino facilitou a adoção de métodos alheios

Flexa Ribeiro



Athayde dos Santos

É preciso ver o que há de bom no antigo e no moderno

Patrícia Vieira



Jorge Alberto Chaves

O ensino dos anos 70 imou o aluno e foi tumultuado

Ronald Manno

Devagar, a caminho do difícil equilíbrio

Ler, escrever e calcular corretamente, ser bom em ditado, saber soletrar e decorar regras de Matemática ou de Gramática: quem leu "Summerhill" na década de 60, absorvendo os conceitos da educação da liberdade com responsabilidade, e, ato contínuo, matriculou seus pimpolhos em escolas nas quais eles receberiam o mínimo de não possível começa agora a lembrar os "bons tempos" em que essas habilidades eram cobradas dos alunos, a disciplina era rígida e havia até reprovação. No momento em que as idéias educacionais liberais, postas em prática à larga nos anos 70, começam a provar ter pecado pelos excessos, surgem, é claro, opiniões radicais. Entre as oscilações do pêndulo, as posturas moderadas vão se definindo pouco a pouco:

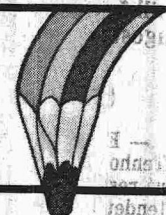
— O que aconteceu com a Educação, no mundo inteiro — diz a diretora da Escola Nova — é que havia uma ânsia muito grande de mudar o mais rápido possível. Desde os fundamentos lançados pelos educadores da "Escola Nova", até as descobertas de Montessori e Piaget, que buscavam maior valorização e desenvolvimento do potencial e inteligência da criança, existia a necessidade de descomprimir e desreprimir a Educação autoritária de antigamente. Antes, o objetivo era o de tornar as crianças adultas o mais depressa possível, através de disciplina rígida. Quando os educadores e pais passaram a ter acesso a instrumentos de descompressão houve excessos.

Hoje, no Rio de Janeiro, escolas tidas como conservadoras como o

Santo Inácio, Botafogo, por exemplo, adotam posturas criativas e liberais, embora não abram mão de um conteúdo rígido. O Professor Ronald Manno, assessor acadêmico do Colégio, diz que o Santo Inácio, ao contrário da maioria dos colégios, "fez e faz evoluções cuidadosas".

— O ensino na década de 70 mimou o aluno. Escolas que aplicavam, de maneira inadequada, métodos de vanguarda, acabaram por tumultuar o ensino. E verdade que aqui exercemos um ensino de massa e não é possível dar tratamento individualizado ou apenas especializado. O mínimo, no entanto, para que cada

Quando os educadores quiseram descomprimir houve muitos excessos



um saia do primeiro grau sabendo ler, escrever e calcular corretamente — isso nós garantimos.

Enquanto o Professor Manno define o Colégio Santo Inácio como uma casa que mantém o que de bom existe nos métodos conservadores, e Patrícia Vieira, da Escola Nova, prega uma metodologia calcada no bom senso, os pais também começam a mostrar os mesmos sinais de questionamento. Lúcia Arriaz Manes, 42 anos, mãe de um adolescente educado principalmente segundo conceitos liberais de vanguarda, lamenta ter "perdido tempo na direção errada" quando pretendeu dar a melhor educação possível ao filho Leonardo. Conta que foi a primeira a aconselhar a irmã a matricular os filhos num colégio que tivesse um método eficaz e não abrisse mão de disciplina.